O VIMARANENSE

Administrador, Antonio Vieira Correa da Cunha.

N.º 746 — SEXTA-FEIRA, 12 DE JANEIRO DE 1872 — IX ANNO

GUIMARÃES 11 DE JANEIRO

A descentralisação

I

No discurso da coroa promette-se uma reforma administrativa largamente descentralisadora. Esperemos que essa promessa seja plenamente cumprida; que o governo actual não se mostre tão timorato como os seus predecessores e alguns publicistas infatuados que tratam sempre de sobrecenho a incapacidade do nosso povo para se governar a si proprio. Por um lado exaltam a descentralisação; por outro deploram a inercia da população; figuram as provincias habitadas por espiritos lentos e boçaes precisando a cada instante do estimulo do poder central para accordarem do seu turpor; e não veem que o que elles chamam atonia é resignação, que o que julgam acanhamento è desconfiança!

Não se creia que toda a actividade do paiz resida nas regiões da politica; que todo o vigor intellectual da nação esteja clausurado nos muros de Lisboa e Porto; ha por todas essas provincias homens de inergia, de engenho e de saber que não cuidam muito na imprensa nem nos governos, e por isso são de ambos pouco considerados.

Esses homens talvez valham mais do que muitos, cujos nomes retumbam a miudo nos jornaes, fluctuando a superficie sem serem a nata da sociedade nem constituirem a sua força.

A vida d'um povo resume-se no seu trabalho sobre o qual o governo só tem immediatamente influencia mui limitada. Os homens prudentes preferem resignarem-se aos inconvenientes de um mau governo a lançarem-se em intrigas publicas que só servem para saciar ambições, sem proveito para o bem geral.

Não è por tanto apathia o pouco interesse que tomam pela causa publica, é repugnancia em penetrar em uma atmosphera viciada. Devemos em vez de vituperal-os, applaudil-os, por se não deixarem contaminar pela acção deleterea da politica, pelo influxo corruptor da centralisação.

Querem que a parte sã do paiz residente nas provincias tome a peito a administração publica, tragam-lhe a administração ao pè de casa; emancipem o municipio e o districto; libertem a eleição dos cargos administrativos da influencia politica paque elles deixem de ser requestados unicamente como escala para o accesso de titulos vãos ou de empregos juntos do poder central e esses serão appetecidos como testimunho do apreço de conterraneos, d'aquelles com quem se trata com estima

O nosso paiz é a terra das instituições locaes: foi com ellas que a monarchia se creou e tomou alentos e vigor; só o absolutismo dos ultimos reinados as pôde destruir. Os que implantaram entre nós o regimen constitucional, em vez de estudarem essas antigas instituições creadas pela espontaneidade nacional, para as aperfeiçoar e acomodar aos progressos da civilisação, foram buscar fóra para as suas reformas modelos que não souberam affeiçoar aos costumes da nação, inaugurando assim uma época de «revoluções copiadas servilmente de typos estranhos potentes para derribar e impotentes para reconstruir; revoluções s·m autonomia que alteraram as manifestações da sociedade, mas que politicamente a deixaram immovel no seu viver ou antes no seu agonisar intimo». (1)

Na situação em que se achava o reino, a mais rigida economia devia presidir á creação dos novos estabelecimentos: na nova escala que então se formava de homens e de cousas a razão pedia que se principiasse pelo minimo: em seu logar, porem, presidiu o luxo e a profusão.... e na sellecção das pessoas *nomeadas para os diversos cargos* o governo não attendeu a outra circumstancia senão aos serviços feitos á causa da liberdade, o que por uma parte encheu as repartições de empregados indignos e por outra, excitando em todos a ambição e esperanças dos empregos, fel-os abandonar os misteres da industria para se lançarem na carreira das pretenções, e habituou-os a empregar as dissenções e as intrigas para se supplantarem, com o que creou o principal elemento dos partidos (2) «ou antes dos corrilhos».

(1) A. Herculano hist. de Portugal tomo 4.º pag. 441.

(2) Coelho da Rocha=Ensaio sobre a hist. do governo e legislação de Portugal pag. 229—250.

FOLHETIM

José Bonifacio de Andrada e Silva

Tendo maduramente reflectido sobre a posição politica d'este imperio; conhecendo quanto se faz necessaria a minha abdicação, e não desejando mais nada neste mundo senão gloria para mim e felicidade para minha patria: hei por bem, usando do direito que a constituição me concede no cap. 5.º art. 130, nomear, como por este meu imperial decreto nomeio, tutor de meus amados e presados filhos ao muito probo, honrado e patriotico cidadão José Bonifacio de Andrada e Silva, meu verdadeiro amigo.

Boa-Vista, aos 6 d'abril de 1831, 10.º da independencia e do imperio.

D. Pedro I

Compulsando-se a Historia do Brazil encontrar-se-ha por sem duvida a cada passo, d'entre muitos outros, um nome sobre modo caro a todo aquelle em cujo peito pulsar ainda um coração verdadeiramente amante de seu pais e de sua prosperidade!...

E esse nome não tem sido até hoje — máu grado nosso — convenientemente apreciado, talvez porque a furia vertiginosa das paixões humanas ainda se não extinguiu de todo!... Um dia porém em que a calma succeder a essa inquietação funesta, em que a razão der tregoas ao espirito, ve-lo-hemos então lembrado como o de Washington, esse grande fundador da União Norte-Americana, ou como o de um outro heròe, cujo nome, transpondo os seculos, fará o assombro e a admiração de toda a Europa!

cada um destes dous ultimos nomes que acabamos de apontar será sempre o primeiro e o mais elevado estimulo para encorajar e nobilitar qualquer homem nascido em França ou nos Estados-Unidos da America do Norte.

O Brasil, paiz novo, cheio de encantos e bellezas, predestinado pela Providencia para um dia occupar um logar destincto no catalogo das nações, ufana-se desde já por haver tambem dado o berço a muitos varões illustres, entre os quaes se mostra salientemente Jozé Bonifacio de Andrada e Silva, nascido na villa, hoje cidade dos Santos provincia de S. Paulo, aos 13 de junho de 1763. Fazer uma longa dissertação de sua vida, de seus serviços e mericimentos, é inquestionavelmente um trabalho que pertence mais á posteridade, e não á geração presente!

Nenhum Brasileiro haverá por certo que não conserve ainda em memoria a vida e acções de tão prestimoso varão!

Dotado de uma imaginação ardentissima e d'um talento raro e descommunal, encetou José Bonifacio seus primeiros estudos n'aquella mesma villa em que viu a luz do mundo,

Em pouco tempo revelou elle a seus pais, o coronel Bonifacio José de Andrada e D. Maria Barbara da Silva, o desejo fervoroso que tinha pelo cultivo das bellas letras.

Foi então que, partindo para Portugal afim de ultimar ali sua educação litteraria, recebeu na universidade de Coimbra o gráo de bacharel formado em direito civil e em sciencias naturaes, em as quaes, como era de esperar primou sempre.

Muitas forão as academias da Europa que, honrando-o, honrarão-se igualmente enviando-lhe seus diplomas para que dellas fizesse parte.

A multiplicidade de conhecimentos adquiridos por José Bonifacio em todas as suas viagens, a sua vasta e profunda erudição, conquistarão-lhe em breve tempo a admiração e o respeito de toda a Europa.

E esse nome assim celebrisado não podia por mais tempo occultar-se ao novo mundo; elle transpoz os mares e veio ecoar fortemente nas plagas de Santa Cruz, na época justamente em que todo o Brasil vacillava ante uma lucta fatal com que se achava a braços.

E' esta por sem duvida a quadra mais brilhante de toda sua vida, o mais lindo e immurchecivel florão da grinalda que lhe cinge a augusta e veneranda fronte!!...

José Bonifacio de Andrada e Silva compenetra-se então de sua posição — como Brasileiro que era —, toma a iniciativa da nossa regeneração politica, e aconselha sabiamente o augusto principe, cuja morte tão profundamente lamentamos, a soltar nos campos do Ypiranga esse brado immenso: =*Independencia ou morte*!!—

Na feitura dessa grande obra nacional recebeu José Bonifacio de seus compatriotas as mais authenticas demonstrações de estima, e um logar nos conselhos da coroa foi immediatamente reservado para o venerando patriarcha da nossa independencia!

O sr. D. Pedro I foi sempre um amigo devotado, um admirador profundo de suas altas virtudes; e, embora o acaso permittisse mais tarde que as cousas mudassem de face, não ouse alguem pensar hoje que aquella amisade tão intima, sellada com o cunho do reconhecimento, podesse um só instante abalar-se por sobre os alicerces em que ella santamente repousava!

E, para maior prova do que levamos dito, ahi está a escolha que o augusto fundador do imperio fez, quando de nós se ausentou, do conselheiro José Bonifacio para tutor de seus predilectos filhos.

Depois de muitos e brilhantes episodios de uma vida exemplar, e por isso mesmo cheia de dissabores, desappareceu d'entre nós esse grande homem no dia 6 d'abril de 1838; dia justamente em que se completavam 7 annos depois que o magnanimo sr. D. Pedro I lhe havia dado a maior e a mais concludente prova de sua predilecção!

(*O Universo Illustrado*)

Posteriormente como recommendação para os empregos os serviços politicos sub-tituiram os serviços prestados á causa liberal; com esta alteração o systema das nomeações continuou porem o mesmo. Os governos ligaram-se por compromissos, apoiaram-se em promessas de empregos e de mercês para se conservarem no poder: este peregrino systema arrastou-os ao abysmo, tolheu-lhes toda a iniciativa propria, inutilisou-lhes as melhores intenções, sophismou as reformas mais bem calculadas. As exigencias partidarias primaram tudo.

A necessidade de recorrer para a solução de qualquer negocio a auctoridades residentes na capital augmentou ainda a importancia dos influentes politicos: todos se acostumaram a crer menos na efficacia da justiça e da lei, do que nos empenhos, e até os proprios legisladores se transformaram de procuradores dos povos em procuradores dos particulares.

No antigo regimen os fidalgos «sempre por embaixadas, nos exercitos, nos tribunaes, ou forrando as recamaras e as sallas do paço reputar-se-hiam decahidos do agrado do soberano se passassem um dia longe da influencia immediata do astro que era a sua luz e a sua vida. Não admira pois que os campos definhassem, que as aguas alagassem as ferteis lezirias, que extensões immensas se cobrissem de matto e de urzes, e que a lavoura sem protecção, sem estimulos, sem capitaes e sem auxiliares, paralysada, esquecida e decadente, acabasse pelo marasmo a que chegou». (3)

Emquanto a febre a emigração para o Ultramar durou, «a nobresa embarcava-se e ia a Goa, a Malaca, a Ormuz, á China e ao Japão lançar a espada na cuia das balanças das feitorias. Os fidalgos mais pobres faziam-se corsarios e infamavam os mares e a bandeira portugueza com roubos e assaltos. Os homens da classe media, ajustavam-se como soldados e escudeiros e perdiam a vida em naufragios repetidos, cortados de doenças e ás mãos dos barbaros» (4)

Essa deserção dos campos pela afluencia á capital e pela emigração para fóra do paiz continua infelizmente nos nossos dias, bem que por causas, pelo menos na apparencia, diversas. Até que ponto uma administração bem dirigida lhe pode pôr estorvo?

P. Amorim Vianna

(3) Rebello da Silva=Econ. Rural pag. 265—266.

(4) Idem pag. 265.

Ao sr. arcebispo primaz

A parochial e antiquissima egreja de S. Miguel do Castello desta cidade está a ameaçar ruina, bem como estão prestes a abater, consumidos pelo tempo e desamparados pelo desleixo de ha muitos annos, os aposentos convisinhos que formam o caridoso albergue d'aquelle venerando presbiterio; e esta participacão que nòs ha pouco dirigimos ao publico, enviamol-a hoje por este modo ao prelado Bracarense, por ser favoravel a occasião em que a palavra do pastor chama á acceitação da Bulla da Santa Crusada a caridade dos fieis.

Sua excellencia encarecendo os resultados desta instituição canonica e avivando por elles a fé publica, diz:

«As esmolas da Bula são destinadas pelo Soberano Pontifice para a edificação, reedificação, reparos, estabelecimentos de estudos elementares, e cursos de sciencias theologicas, moraes e canonicas dos seminarios diocesanos, nos quaes são alimentados, e instruidos gratuitamente muitos mancebos, que, sendo pobres, mas intelligentes e bem morigerados, dão provas de vocação para o sacerdocio, a que se destinam; e para soccorrer as Fabricas das Cathedraes e as das Egrejas parochiaes das freguezias pobres, que se achem em estado de ruina, e carecidas de paramentos, roupas, vazos sagrados e decencia, para celebração dos actos do culto divino e publico.»

Pois se os rendimentos da Bulla da Santa Crusada são especialmente destinados para soccorrer as fabricas das egrejas parochiaes *pobres e em estado de ruina*, qual será o motivo porque sendo a bulla bem acceita de todo este povo, o seu templo venerando, onde se baptisou o primeiro Rei de Portugal, está ha annos em estado de ruina, como, com gravissima offensa do culto, se pode ainda a estas horas presenciar, em impia negação da verdade ás palavras do velho prelado Bracarense?!

Chamamos para isto a attenção do venerando arcebispo, esperando que a promptidão das providencias nos dispense de voltar ao assumpto.

O juiz de direito e os expostos

N'uma correspondencia d'esta cidade para o *Partido Constituinte*, jornal que se publica em Lisboa, lese, entre outras coisas, o seguinte:

«A justiça d'esta terra está nos substitutos; juiz e delegado estão com licença. Continua o conflicto com a camara ácerca dos expostos, e, sem animo de offensa, não podemos deixar de estranhar o silencio da illustrada imprensa local a tal respeito pelo menos. A ommissão não resulta com certeza da falta de independencia das redacções, mas talvez de esquecimento.

O certo é que o caso é grave, porque não tendo a camara competencia para velar pelos expostos, depois que perfazem sete annos de edade, estes desvalidos vivem a monte!

N'este seculo, em que o socialismo tanto se apregoa, é facto para notar o completo desamparo d'aquellas victimas innocentes do desamor materno!

Diz-se que a camara vae representar. Se o não fizer, grave responsabilidade moral lhe caberá tambem.

Se a recusa do juiz d'esta comarca provem de erro de opinião, teria desculpa se se limitasse a reprensentar para que as auctoridades superiores tomassem providencias; mas negar-se absolutamente a tomar conta dos expostos, não tem desculpa, seja qual fôr a cauza da recusa, porque com tomar conta dos expostos, não offendia as leis nem a ordem, nem o decoro, nem o estado, nem terceiros: teria apenas algum trabalho sem emolumentos.

Pela nossa parte temos a observar ao illustrado correspondente que cumprimos o nosso dever, como se pode ver no n.º transacto, ficando por tanto certo de que não somos reus de esquecimento nem de falta de independencia.

Desde que a lei, temperando a liberdade com a independencia e igualdade civil e politica, deixou cahir dos hombros dos tyrannetes o *sambenito* da perseguição e ergueu em adoração a justiça, está garantida não só a independencia da imprensa, mas até a de todo o cidadão que a ella queira recorrer.

O juiz é um escravo da lei; e quando deixe de a cumprir torna-se o objecto da indignação publica, ainda por maior razão do que outro qualquer delinquente; e para nòs, creia o correspondente, vale então tanto o homem que veste a toga, como o que pede esmolla e se cobre com farrapos, ou ainda este vale mais se tem uma alma nobre e não substitue a razão pelos maus instinctos.

Isto se pode crer e praticar desde que baqueou o despotismo que decepava cabeças, e os seus partidarios que por qualquer forma exprimam saudades por tão bellos tempos, são hoje geralmente recebidos com estrondosa gargalhada.

Isto vem apenas para provar que o correspondente fez bem em não admittir pela nossa parte falta de independencia em frente d'um juiz, que pode ser aliás muito boa pessoa mas que não põe medo a ninguem pelo facto de ser juiz.

NOTICIARIO

Intriga politica — Terça-feira á noite Guimarães ficou sobresaltada pela noticia de que o regimento 6 partia hoje para Penafiel para estabelecer ali o seu quartel, e que hoje mesmo sahia de Vianna o 3 de infanteria que muda para aqui. Que o 6 sahia ninguem duvidava, mas que fosse rendido pelo 3 é o que poucos acreditavam, apezar de constar que assim o dizia a ordem de marcha recebida pelo coronel.

Os adversarios da situação fizeram correr que a noticia da vinda do 3 era um embuste propalado para suffocar a indignação que a sahida do 6 causaria, se não fosse substituido por outro qualquer regimento, e perguntavam com ar de mofa aos amigos do sr. governador civil em que consideração é s. ex.ª tido pelo ministerio, que retirava de Guimarães um corpo de força militar e não o fazia render por outro. Este enrendo ia produzindo o effeito desejado, e a desconfiança começava a lavrar, quando o sr. governador civil, informado do que se passava fez expedir ao sr. administrador do concelho o seguinte telegramma:=«6 é substituido por 3 que sahirá de Vianna a 12, vindo de Lisboa para Vianna artilheria 3».

Este telegramma, recebido ás 10 horas e meia da manhã de quarta-feira, foi confirmado pelas noticias da capital chegadas hontem. E' que o snr. Luiz Cardozo estava ao facto de tudo, e que os seus adversarios andam sempre ás do chão. Mau fado os persegue.

Guimarães, para ter dentro dos seus muros um corpo do exercito, não precisa eleger deputado um general analphabeto.

Baile—O que deu o sr. Luiz Cardozo na sua casa de Braga no dia 8 para solemnisar o dia dos seus annos foi em tudo brilhante.

Com o auxilio de alguns dos seus parentes, e dos srs. Jeronymo Pimentel, Taveira, Cunha Reis e Menezes conseguiu s. ex.ª transformar a sua casa, de pouco adaptada para festas d'esta ordem, n'uma habitação verdadeiramente de fadas. O atrio, onde tocava a banda de infanteria 8, e a escada estavam ornados a capricho e com muito gosto: nas sallas havia muito gosto a par de muito aceio e grandesa.

Eram quasi nove horas quando as senhoras começaram a entrar e ainda depois das onze chegaram algumas. Apezar da chuva torrencial que cahiu em todo o dia e até alta noite, concorreram perto de cincoenta senhoras da melhor sociedade, todas primorosamente vestidas. Viram-se ali mais de oitenta cavalheiros de todas as cores politicas.

O baile principiou ás 10 horas da noite e terminou depois das 6 da manhã, dançando-se sempre com muita animação e ás vezes até com delirio.

O serviço foi profuso, delicado e sempre variado.

Parece-nos que a melhor descripção que podemos fazer ás pessoas que costumam assistir ás funcções do sr. Luiz Cardozo, mas que não poderam tomar parte n'esta,,è dizer-lhes que este baile excedeu ainda o. melhores que s. ex.ª tem dado e que foi um dos mais brilhantes que ha muitos annos se tem visto em Braga.

Almoço—O sr. abbade de S. Miguel das Caldas de Vizella offereceu á officialidade do 6 na sua passagem por Vizella um almoço no hotel—Vizellense,—que foi acceite.

Os santos reis—Apezar do tempo chuvoso, correu animada a festa com que a egreja e o povo fiel costuma celebrar a visita dos reis do Oriente ao presepio de Christo recem-nascido.

A interessante costumeira de se pedir em verso cantado a festival offerenda em honra do Deus menino não ficou esquecida, antes foi muito lembrada por descantes e cantarolas, algumas das quaes, por demasiado atroadoras, pareciam mirar mais ao tormento do que ao encanto.

Em compensação, porem, percorreram as ruas da cidade nas noites da vespera e dia de reis as duas philarmonicas da terra, convertidas em lindos e harmoniosos choros, acompanhados a instrumental; e ambas ellas foram obsequiadas com mimosas e numerosas offertas.

Malvadez—Um pobre moço de aldeia que em companhia de outros andava na noite de reis lançando as *suas festas*, foi barbaramente acomettido por um grupo de tonantes em plena embriegnez, para maior honra das familias, e de um *d'estes taes* recebeu uma pancada na cabeça que o deixu em perigo de vida, sendo logo conduzido ao hospital da Misericordia.

D'entre estes foi preso o supposto malfeitor, que negava a pè junto que fosse elle o auctor do delicto e que aliás o imputava a outros companheiros, cuja descompostura recommendamos aos respectivos chefes de familia, ou no desleixo d'estes á competente auctoridade.

Mudança de quarteis — Por ordem do ministerio da guerra, transmittida pelo commandante da